

# SALVAR O PORTUGUÊS EM OLIVENÇA

16-Out-2007

RESUMO DE INTERVENÇÃO NO  
CONGRESSO DA LUSOFONIA EM BRAGANÇA (5-Outubro-2007)

UM LUGAR ONDE A LÍNGUA PORTUGUESA (VARIEDADE ALENTEJANA...) ESTÁ EM AGONIA

(inclui reflexões de um jovem local de 28 anos)

Â Â Â Â Â

Em 1840, trinta e nove anos após a ocupação espanhola (1801), o Português foi proibido em Olivença, inclusivamente nas Igrejas. Todavia, ele foi sobrevivendo, numa deliciosa toada alentejana, que logo as autoridades, vigilantes, classificaram como "chaporreo", palavra de

difícil tradução (talvez "patois"; talvez "deturpação"), que criou complexos de inferioridade nos utilizadores, levando-os, cada vez mais, a usar a Língua Tradicional apenas a nível caseiro, dentro do aconchego do lar. Mesmo com esses condicionalismos, depois de duzentos anos de pressão, ela é entendido e falado por cerca de, pelo menos 35% da população, segundo cálculos da União Europeia (Programa Mosaic).

Como sucede, contudo, nestes casos, em qualquer ponto do Globo, o Português foi perdendo prestígio. Não sendo utilizado nunca em documentos oficiais, na toponímia (salvo se traduzido e deturpado), ou em qualquer outra situação que reflectisse a dignidade de um idioma, manteve-se, discretamente, por vezes envergonhadamente.

A ditadura franquista piorou a situação. Nas décadas de 1940, 1950, e 1960, era raríssimo, mesmo impossível em alguns casos, encontrar professores, polícias, funcionários em geral, que fossem filhos da terra oliventina, na própria Olivença. Colonizadores inconscientes, peões numa política geral de destruição das diferenças por toda a Espanha. Por ironia da História, alguns desses cidadãos "importados", com muito menos complexos que os naturais porque não tinham, quaisquer conflitos de identidade, ou os seus filhos, puseram-se a estudar os aspectos "curiosos", "específicos", da cultura oliventina, acabando por produzir trabalhos de valor sobre a cultura da sua Nova terra, que podem chamar para sempre, e sem contestações, de Terra Mãe, por adopção, por paixão, ou já por nascimento.

A Democracia abriu algumas novas perspectivas, mas os fantasmas não desapareceram de todo. Alguns cursos de Português foram surgindo, com maior ou menor sucesso. Por vezes ao sabor de questões políticas, como durante a década de 1990. Em 1999/2000, continuando em 2000/2001, a Embaixada de Portugal em Madrid, e o Instituto Camões, passam a apoiar o ensino do português no Ensino Primário em todas as Escolas de Olivença. Incluindo

as Aldeias. Apenas Tãliga, antiga aldeia de Olivença transformada no século XIX

em municÃ-pio independente, estÃ ainda de fora deste projecto, para o qual foram destacados, primeiro trÃs, depois quatro professores portugueses. Ão urgente acudir a TÃliga, onde sÃ 10% da populaÃÃo ainda tem algo a ver com a LÃngua de CamÃes. Foi dado um primeiro e importante passo. Mas nÃo se tem revelado suficiente. O Estado PortuguÃs deverÃ tentar influenciar mais a tomada de outras medidas, dada atÃ a sua posiÃÃo sobre o Direito de Soberania sobre OlivenÃsa: o ensino da HistÃria (que nÃo Ã feito em parte nenhuma em OlivenÃsa), por exemplo: a utilizaÃÃo prÃtica da LÃngua, em documentos oficiais, toponÃmia, etc.; a continuaÃÃo do Estudo do PortuguÃs atÃ nÃveis de ensino mais avanÃados; e tantas coisas mais que se poderiam referir!

Acima de tudo, Ã preciso dar ao PortuguÃs dignidade... e utilidade. Revalorizar o PortuguÃs que sobrevive, o qual, por ser uma variante da fala lusa regional do Alentejo, Ã vÃtima de comentÃrios pouco abonatÃrios.

Deve-se "fazer a ponte"

entre as velhas geraÃÃes e os jovens alunos. Ensinando-lhes, por exemplo, a partir de exemplos da velha poesia popular e erudita oliventina, no idioma de CamÃes, e que Ã ainda, graÃsas a recolhas etnogrÃficas e a alguns poetas populares vivos, suficientemente conhecida para tal. Porque, sem perceberem que estÃo a dar continuidade Ã cultura dos seus avÃs, os jovens oliventinos dificilmente compreenderÃo que aprender a

lÃngua lusa Ã muito diferente de aprender uma lÃngua estrangeira (InglÃs, FrancÃs, AlemÃo). Ão preciso dizer claramente que o PortuguÃs Ã imprescindÃvel para que as novas geraÃÃes compreendam o que as geraÃÃes anteriores quiseram transmitir.

Por tudo isto, a situaÃÃo actual

nÃo Ã famosa. HÃ estudos recentes que falam em "declÃnio do PortuguÃs em OlivenÃsa", no seu uso coloquial, como um trabalho da Professora Maria de FÃtima Resende Matias, da Universidade de Aveiro. Como dizia um jovem oliventino (Junho de 2007), a este respeito, Ã«isto Ã uma verdadeira tragÃdia; depois de pouco mais de 200 anos, o portuguÃs vai desaparecer em OlivenÃsa; a alma dos povos Ã a lÃngua; a lÃngua Ã a memÃria,

Ã tudo; em OlivenÃsa vÃo ficar somente as pedras, as fachadas, do que foi o seu passado portuguÃs; NÃo hÃ nada mais triste que conhecer que o fim vai chegar e ninguÃm fiz[fez] nada para evitÃ-lo; ninguÃm compreende que a morte do Ãltimo luso-falante vai ser a morte da alma portuguesa, o fim de geraÃÃes falando portuguÃs nas ruas, nas moradias, no campo oliventino, ao longo de mais de sete sÃculos?Ã». E continua: Ã«O artigo da senhora FÃtima Matias

explica perfeitamente as razoes e o contexto da agonia do portuguÃs em OlivenÃsa; mas... agora jÃ nÃo hÃ ditadura; DeverÃ-amos ficar orgulhosos de ter esta riqueza linguÃstica e procurar defesa e o ensino do portuguÃs oliventino; (...) e, um pouco tambÃm, o Estado portuguÃs Ã tambÃm responsÃvel; com independÃncia de questÃes de Ãndole soberanista, deveria implicar-se na promoÃÃo do portuguÃs em OlivenÃsa e nÃo somente nÃo reconhecer [a soberania espanhola] e nÃo fazer nada.Ã»

Pode-se aplaudir o que se faz

hoje, mas Ã imprescindÃvel algo mais: faÃsa-se um estudo do PortuguÃs-Alentejano falado em OlivenÃsa, e ligue-se o mesmo ao PortuguÃs-AdrÃo ensinado nas Escolas, de modo a fazer a ligaÃÃo entre as geraÃÃes e produzir uma normal continuidade que deveria naturalmente ter ocorrido. Assim se corrigirÃ a distorÃÃo introduzida pela

pressão do Castelhana. Este estudo pode ser feito por quem se mostre capaz de o fazer: portugueses, mas também alguns especialistas e linguistas estremenhos. A nenhum Estado (Portugal ou Espanha) se poderá perdoar deixar morrer uma cultura! O aspecto político da questão, que existe, pode ser secundarizado ao máximo.

Os Primeiro passo poderá ser umas Jornadas, ou um Congresso, sobre o

tema, que reúna a participação de especialistas e autoridades das mais diferentes origens, unidos pela sua boa vontade...